

OS SABERES COMÊ DISPOSITIVO DE FORMAÇÃO DE IDENTIDADE E REEXISTÊNCIA DAS PESSOAS IDOSAS NO AMBITO DA UNIVERSIDADE ABERTA A TERCEIRA IDADE (UATI/UNEB)

Iêda Fátima da Silva

Resumo: O texto apresenta uma proposta inicial da pesquisa de tese do doutorado do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia que busca refletir sobre questões relacionadas ao processo de envelhecimento fazendo um recorte epistemológico acerca dos saberes que são reelaborados e se constituem como dispositivos de formação da identidade das pessoas velhas e os modos de reexistência como resultado das significações experienciadas e traduzidas através das múltiplas linguagens construídas pelas estudantes idosas no âmbito da UATI — Programa de Extensão Universidade Aberta a Terceira Idade da UNEB. O processo de envelhecimento compõe um cenário revestido por preocupações, problemas e a proliferação discursiva da temática acerca das inquietações em torno da finitude humana e das transformações advindas dos efeitos e impactos causados pelo tempo sobre o corpo. Esse cenário tem se constituído como produtores de discursos fundamentados sobre os vários campos do saber: jurídico, psicológico, filosófico, médico, religioso e econômico. No entanto, é no campo da educação que esse estudo se insere, estabelecendo interfaces com referências científicas e metodológicas produzidas por pesquisas de diversas áreas fundamentadas em Foucault (1979, 1989, 1995), Minayo (1992), Geertz (1978), Freire (2000), Beauvoir (1990), Acosta (2018) pautando-se numa literatura voltada para discussão acerca dos saberes produzidos e reelaborados pelas idosas como dispositivo de formação e reexistência no âmbito do programa de extensão Universidade Aberta a Terceira Idade (UATI) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus II/Alagoinhas.

Palavras-Chave: Envelhecimento. Dispositivos. Identidade. Saberes. Reexistência.

INTRODUÇÃO

Ser idosa ou ser idoso se constitui como um estigma construído pela sociedade. É visto como uma fase difícil em que muitos procuram ignorá-lo, tendo em vista a nossa incapacidade de enxergar esse fenômeno para além das mudanças físicas, psicológicas e estéticas que ocorrem no seu curso normal. Assim como pela desvalorização das experiências vividas, das realizações pessoais conquistadas e dos momentos de resistência que são protagonizadas pelas pessoas idosas, mesmo que sejam ignoradas, incipientes e quase invisíveis aos olhos das pessoas, da sociedade e principalmente das políticas públicas, que não dão conta de promover os direitos essenciais a essa população etária, tendo em vista a forma esterilizada, substantivamente ligada a ideia de degeneração e improdutividade desses sujeitos.

Para Debert (1988), as transformações do envelhecimento em problema social retratam diversas dimensões culturais e políticas. O desgaste físico, o prolongamento da vida, o desequilíbrio demográfico e o custo financeiro das políticas sociais são elementos que ampliam a falta de atenção e assistência a população idosa, sobretudo aos menos favorecidos. O processo de envelhecimento é caracterizado marcadamente por problemas históricos, sociais e econômicos que acabam por anular os sujeitos dessa faixa etária de exercerem um protagonismo social e consequentemente sua cidadania. O discurso acerca da improdutividade e incapacidade dos idosos promove e reforça a subalternidade em que esses sujeitos acabam incorporando traduzindo dessa forma um certo isolamento social e o distanciamento de uma vida coletiva e institucional.

Esses problemas se acentuam pela heterogeneidade de princípios constituídos e diferenciados na esfera econômica, em que não são assegurados aos idosos na sua maioria, como os direitos previdenciários somados às questões de etnia, gênero,

sexualidade, religião e instrução educacional, onde a imensa maioria é mulheres que ao longo do processo histórico foram categorizadas pelo estigma da submissão e da dependência principalmente no seio familiar. A família tem se constituído como espaço de diversidade, principalmente para as mulheres, em que lhes foram conferidas as funções de procriação e cuidado e o dever da manutenção de um pseudo equilíbrio socioafetivo dos seus membros.

Dessa forma, as pessoas idosas são atingidas pelas desigualdades sociais traduzidas através do desprestígio social e desvalorização da existência humana. Nessas tensões cotidianas da sociedade contemporânea evidenciam-se os momentos turbulentos de resistência e os enfrentamentos relacionados as injustiças sociais.

Nesse sentido, faz-se necessário refletir a respeito das rupturas e resistências provocadas pelas pessoas em processo de envelhecimento que conseguem sobreviver a todos esses conflitos, fazendo ressurgir reações aos ditames governamentais fabricados pela sociedade de consumo, pautados na produtividade, no protagonismo juvenil e na exacerbação da eterna juventude como promessa do mercado consumidor e da mídia. Paradoxalmente, as pessoas idosas que conseguem sobreviver e resistir a esse caos social, buscam nos grupos de convivência com fins educativos, culturais e religiosos um amparo para exercerem a inclusão social, na tentativa de que sejam reparadas suas perdas e direitos negados ao longo da vida. É dessas pessoas que o presente estudo faz referências, pautando as suas experiências com foco na reflexão e compreensão acerca dos saberes e modos de vida construídos e reelaborados no âmbito da UATI: cenário das oportunidades e possibilidades das reinvenções e ressignificação de si, nas relações com o coletivo inserido institucionalmente na universidade.

A necessidade de aprofundar os estudos, a compreensão e a reflexão sobre o tema proposto nesse projeto inicial de tese foi se constituído ao longo de uma trajetória imbricada no trabalho com as pessoas idosas e as instituições que as representam.

É desse lugar que pude protagonizar as experiências de formação, de modos de vida e de produção de saberes ao longo de onze anos na condição de coordenadora geral do programa de extensão UATI. Nesse contexto, também, exerci a função de professora em algumas oficinas, assim como, coordenei o projeto de extensão: linguagens integradas sobre o envelhecimento através do edital 108/2016, supervisionando as oficinas de informática, artesanato regional, corpo em movimento e hidroginástica desenvolvidas por monitores que são estudantes da graduação.

Essas experiências foram geradoras de observações, indagações e reflexões acerca da importância dos saberes e da formação constitutivos da resistência através dos esforços forjados pelas narrativas e pela biografização desses atores no âmbito universitário. Essas demandas foram ampliadas através da minha inserção nas instituições de acolhimento dos idosos, nas 8 (ILPS) — Instituições de Longa Permanência do município de Alagoinhas e também pela participação como vice-presidente do conselho Municipal do Idoso no biênio de 2017 á 2019 representando a UNEB. No referido conselho pude elaborar projetos, empreender eventos em parceria com outras instituições, com o objetivo de divulgar os problemas do envelhecimento ao tempo em que trazia para a pauta de um redirecionamento das práticas e conceitos ancorados no estigma, desprestígio e anulação dos idosos institucionalizados da cidade e região.

Essa militância institucional, acadêmica, pedagógica e de formação fez emergir a necessidade de aprofundar o estudo sobre

essa temática, acreditando na pertinência e relevância científica, pedagógica e cultural desse estudo, na defesa da articulação entre a Universidade e as diversas instituições ligadas ao idoso, estabelecendo intercâmbios culturais e científicos com outras instituições universitárias e ampliando a REDE UATI no circuito regional e em todo o estado da Bahia.

Esse estudo faz um recorte epistêmico que possa contemplar a compreensão da complexidade e multirreferencialidade que reveste esse tema, com mais clareza e aprofundamento, a luz dos pressupostos teórico-metodológicos sobre a linguagem, os saberes, modo de vida, identidades, formação, autobiografias e discursividades impressas nos dispositivos de saber e poder advindos das tramas genealógicas do ser e fazer humano.

De acordo com as proposições elencadas apresentamos questões que nortearão esse projeto inicial de tese: De que forma os saberes se constituem como dispositivos de formação de identidade e como possibilitam a promoção das dimensões de reexistência das pessoas idosas que participam do programa de extensão da UATI? De que forma esses saberes construídos e reelaborados pelas idosas modificam suas trajetórias e modos de vida? Em que medida as estudantes idosas resistem e criam situações de rupturas frente ao controle e anulação nos ambientes sociais e familiares e quais os mecanismos de enfrentamento e articulação criados pelas idosas como elementos constitutivos para a formação da identidade? De que forma esses saberes se constituem enquanto dispositivos de enfrentamento e resistência frente aos preconceitos e violência das questões de gênero, geração, etnia, escolaridade e como se apresentam em suas itinerâncias no cotidiano da UATI? Quais as contribuições que a proposta educativa veiculada pelos (professores da UNEB) e monitores da graduação têm se revelado como resultante das

interações e medições colaborativas direcionadas para além do ensinado e aprendido tradicionalmente em instituições clássicas a exemplo da escola (para as quais tiveram direito de frequentar)? Por fim quais são os instrumentos utilizados coletivamente para a comunicação e interação no mundo, baseadas no entendimento de si das potencialidades das ações enquanto referências de reconhecimento numa lógica do pensamento sensível, do cuidado de si e do outro, elencando os aspectos da dimensão da reexistência?

ENVELHECIMENTO HUMANO E OS SABERES COMO DISPOSITIVO DE FORMAÇÃO

O envelhecimento social é fenômeno social reconhecido pelo mundo, mas no Brasil, este é demarcado principalmente a partir de 1970, quando teve seu perfil demográfico alterado com características de uma sociedade majoritariamente rural e tradicional, incluindo famílias numerosas em número de filhos. Porém, com o descaso dos governos, as famílias se deslocam para as cidades com a esperança de encontrar trabalho e dignidade. Nesse processo outro fenômeno que acontece é a diminuição significativa da prole e o aparecimento de oportunidades para sair do campo, em direção aos grandes centros.

O país passou a ter uma população com um contingente significativo de pessoas com 60 anos ou mais e isso mudou a estrutura etária brasileira, como resultado do número de jovens e aumento da população idosa, considerando como destaque a longevidade feminina.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas-IBGE (2017) e da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios-PNAD (2017), o avanço dos números estatísticos ultrapassou as previsões demográficas: em 2017 aponta que 14,6% da população brasileira tem 60 anos ou mais, correspondendo

a 30, 3 milhões de pessoas, a população total tem 207, 1 milhões e a população idosa tem 30, 3 milhões, correspondendo a 14, 6%. Em 2060 a população idosa terá 58, 4 milhões, que corresponde a 26, 7 % do total. A expectativa de vida das mulheres será de 84 anos e os homens 78, 3 anos.

As ideias sobre envelhecimento, foram carregadas historicamente por um estereótipo negativo do século XX, mas sofreu demarcadas modificações a partir da década de 1960 com a difusão de novos valores para essa etapa da vida.

Por outro lado, nesse início de século de forma paradoxal, a sociedade contemporânea influenciada por ideais neoliberais, pautados na produtividade e consumo, fomenta a hegemonia do conceito de envelhecimento ativo preconizado principalmente por agências internacionais de saúde, o que de certa forma provoca antagonismos relacionados as reais condições de vida das pessoas idosas, principalmente as da camadas desfavorecidas.

Esse cenário se apresenta pela via das vulnerabilidades ligadas as questões de gênero, etnia, religião, escolaridade e principalmente pela condição socioeconômica. Nessa direção faz-se mister a discussão, reflexão e compreensão acerca das considerações e estudos que esse projeto poderá gerar.

Observa-se que a UATI, lócus da pesquisa, se constitui como espaço feminino, uma vez que, os estudantes homens da UATI, quando conseguem se matricular, acabam evadindo e abandonando o projeto; conduta essa reveladora do enraizamento dos preconceitos e estigmas sofridos por esses sujeitos velhos.

Nesse sentido, as mulheres enfrentam os padrões sociais, carregando estigmas e preconceitos, dada as suas condições etárias e econômicas conseguem através das tentativas de resistência ressignificar seu modo de viver e de relaciona-se com o

mundo, rompendo as barreiras impostas pelos ditames sociais machistas e sexistas. Beauvoir (1990) considera que a vulnerabilidade pode ser uma liberação para as mulheres que, submetidas e dedicadas aos filhos podem enfim, preocupar-se consigo mesmas. A questão demográfica e as estatísticas anunciam esse estado de resistência das mulheres no que se refere ao aumento da expectativa de vida e conseqüentemente aos cuidados de si, e nessa mesma direção elas fazem valer os seus direitos legais preconizados pelo estatuto do idoso, no momento em que inserem-se nos grupos de convivência e nos programas de Universidade Aberta a Terceira Idade, que neste trabalho é apresentado como lócus da pesquisa.

Neste sentido a legislação brasileira, através do Estatuto do Idoso criado pela lei Nº10.741 de 1º de outubro de 2003, preconiza que:

Título I — Das disposições preliminares no art.3º. É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do poder público assegurar ao idoso sua absoluta prioridade a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. No art. 25º. O poder público apoiará a criação da Universidade Aberta para pessoas idosas e incentivará a publicação de livros e periódicos, de conteúdo e padrão editorial adequados ao idoso que facilitem a leitura, considerada a natural redução da capacidade visual.

Esse documento representa as conquistas derivadas da luta da sociedade organizada, que em quase duas décadas da existência não se aplica enquanto instrumento de contestação da violação dos direitos e proteção para essa população etária. Nesse esforço mútuo para fazer o cumprimento da lei e também para assegurar esses mínimos direitos, os idosos vão criando redes de apoio e relacionamentos colaborativos, como formas de

resistências e emergências que possam garantir condições mínimas de sua existência.

A invisibilidade e vulnerabilidade social se constituem como marcas históricas impostas e enraizadas pelas desigualdades sociais. Nos momentos de resistência e enfrentamento por algumas parcelas dessa população que transgridem as barreiras do controle e submissão, fazendo ressurgir ações em contextos educativos que contemplam um envelhecimento digno, respaldado de forma significativa nessa etapa da finitude humana. Nessa direção, Debert (1994) reconhece a reação que as mulheres tem quando optam por fazer um movimento de transgressão-criação, inserindo-se em programas da terceira idade em Universidade. Para o autor participar ativamente desses programas é viver intensamente essa nova etapa da vida.

O estudo que pauta a pesquisa é resultante das reflexões que venho fazendo em torno do ativismo que essas mulheres têm gerado no seio da UATI, com especial atenção nesse período de pandemia no qual pude experimentar de perto todo o movimento de ruptura e criatividade que tem impactado os lares e familiares, quando demonstram domínios com as tecnologias, participando das atividades virtuais, indo além do esperado, produzindo vídeos, fotos, mensagens e sobretudo intensificando a rede de apoio afetivo e espiritual entre elas e com os outros, afim superar o sofrimento individual e coletivo que abate as pessoas nessa dimensão planetária.

Para Freire (2000) essas ações revelam que: “Não é possível ser gente se não for por meio de práticas educativas. Esse processo de informação perdura ao longo da vida toda, o homem não para de educar-se, sua formação é eterna e se funda na dialética entre teoria e pratica” (FREIRE, 2000, p. 39).

Essas experiências me motivaram a repensar e aprofundar o estudo e pesquisa voltada para o entendimento de como as dimensões da existência e a construção do processo identitário se constituem como resultado dos saberes reelaborados nesse contexto da educação ao longo da vida.

No sentido de compreender os saberes partilhados que articulam práticas sociais e identidades coletivas, possibilitam atitudes reflexivas sobre os conhecimentos mobilizados em contextos de formação. Freire (2000) diz que:

A educação tem sentido porque mulheres e homens aprenderam que é aprendendo que se fazem e se refazem porque mulheres e homens se puderam assumir como seres capazes de saber que não sabem, a educação tem sentido porque para serem, mulheres e homens precisam estar sendo (FREIRE, 2000, p. 40).

A dimensão dialética nos faz compreender numa perspectiva crítica que idade ou os marcadores etários como dispositivo que organiza, controla, regula e normaliza o campo social em suas contradições, promove visibilidades enunciando potências que inviabiliza e silencia os sujeitos marcados por efeitos discursivos no campo das relações de poder e saber. Todavia, Foucault (1989, p. 183) afirma que: “O poder deve ser analisado como algo que funciona em cadeia. O poder funciona e se exerce em rede... em outros termos o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles” (FOUCAULT, 1989, p. 183).

Nesse sentido, Pocahy (2011) afirma que:

O projeto biopolítica não inventou apenas o dispositivo da sexualidade, mas também produzem gênero e idade como um conjunto mais ou menos heterogêneo que comporta práticas discursivas e/ou não discursivas de objetivação, através do controle, normalização e a regulação de subjetividade (POCAHY, 2011, p. 196).

A defesa que esse estudo preconiza e se inscreve na compreensão de que os saberes como dispositivo nas suas dimensões discursivas e experiências ligadas ao exercício do poder.

Nessa direção Foucault (1979) define dispositivos a partir de três sentidos:

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas...O dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo e a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (FOUCAULT, 1979, p. 244).

Os saberes enquanto dispositivo são construídos, reelaborados e circulam nas redes de relações objetivas, possuindo subjetividades, intensificando para além da resistência, tornando possível que a dimensão da reexistência seja traduzida no devir das significações sobre si e sobre os outros: como estratégias, ética da constituição de si, Foucault (1995), afirma que:

Primeiro uma ontologia histórica de nós mesmos, em relação a verdade através da qual nos constituímos como sujeito do saber, segundo uma ontologia histórica de nós mesmos em relação a um campo de poder através do qual nos constituímos como sujeitos de ação sobre os outros; terceiro uma ontologia histórica da qual nos constituímos como agentes morais (FOUCAULT, 1995, p. 262).

As correlações de força dinamizam os modos de vida e as condutas dos sujeitos enquanto agentes do saber em seus processos identitários. Deleuze (1988) compreende o dispositivo enquanto estratégias de relação de força sustentando tipos de saber e sendo sustentados por eles. No entendimento do autor a resistência se estabelece como forças que circulam, também como fator de existência, que vai para além da resistência, um

novo enunciado configurado no *devis* dos arranjos sistematizados sob a estética de ser e estar no mundo.

Esse substantivo apresenta várias camadas de significação relacionadas a novas formas de falar sobre, de estudar, de pensar, ou de uma existência que teima em ser (re) mesmo num contexto de profundas inevitabilidades (BORDIEU, 2010).

O sentimento que recai sobre a possibilidade de viver o novo convergindo para a potência do sensível é que nessa direção fortalece a emergência de aprofundar o conceito de reexistência sob a ótica do essencial e da estética da existência, enfim trago para essa proposta de pesquisa o pensamento de Acosta (2018) quando afirma que: “A existência constitui e é dialeticamente constituída por um *ethos* ressurgente pautado pela solidariedade e pelo profundo sentimento de humanidade que reúne diferentes como comunidade, a partir do que chamo de uma estética reexistência” (ACOSTA, 2018, p. 27).

A potência que reveste as pretensões iniciais desse trabalho será pautada pelo profundo sentimento de humanização e solidariedade de todas as contribuições que versam sobre o tema do envelhecimento a partir de uma epistemologia construída que pode vim a ser, sendo.

ABORDAGEM METODOLÓGICA

Enquanto *constructo* histórico social, este estudo é validado tão somente pelo protagonismo social que na visão contemporânea não apenas é atributo do investigador, mas das ações integradas dos atores que dela fazem parte. É imprescindível reconhecer que além da consciência, sujeito e objeto são constitutivos de identidade, além de ser intrínseca e extrinsecamente ideológica.

Minayo (1994) afirma que:

Na investigação social a relação entre o pesquisador e seu campo de estudos e estabelecem definitivamente. A visão de mundo de ambos está implicada em todo processo de conhecimento, desde a concepção do objeto, aos resultados do trabalho e sua implicação (MINAYO, 1994, p. 14).

É fundante dar a pesquisa qualitativa um rigor metodológico, definindo-a como sendo de natureza aplicada, pois terá seu ambiente socioeducativo como sua fonte direta de informações, além de possuir um caráter descritivo e interpretativo que os colaboradores darão as coisas, aos seus modos de vida e ao processo de construção de identidade e dimensões da reexistência.

Contextualizando esse modo metodológico de fazer pesquisa, onde a experimentação de vivência valida e reconhece os saberes de seus sujeitos participantes é que se pode perceber a existência de cada um em todo processo da pesquisa, Minayo (1992, p. 14) afirma que a abordagem busca: “[...] *Compreender* relações, valores, atitudes, crenças, hábitos e representações e a partir desse conjunto de fenômenos humanos gerados socialmente, compreender e interpretar a realidade”.

Nessa direção Macedo, Gallefi e Pimentel (2009) afirmam que:

Se quisermos compreender o caráter qualitativo dos acontecimentos, precisamos não apenas de procedimentos lógicos formalizados em sua funcionalidade pragmática, mas também de preceptor de juízos e conceitos que configuram e conformam os dados imediatos de toda a consciência viva e vivente (MACEDO; GALLEFI; PIMENTEL, 2009, p. 380).

Assim, a construção metodológica dessa pesquisa está pautando na natureza qualitativa e etnográfica, tendo em vista o ambiente social como sua fonte direta dos dados, além de possuir um caráter descritivo e valorizar a participação efetiva de seus colaboradores. Para isso, terá um enfoque etnográfico por

considerar que as realidades são distintas e não devem ser comparadas porque o comportamento deve pautar-se nela para conhecê-las. Considerando que a interação com o contexto possibilita a compreensão dos papéis e lugares sociais ocupados, valores e atitudes reveladas nas situações forjadas pela pesquisa, que podem ser delimitadas conforme Magalhães (2001) como estudo etnográfico por valer de técnicas da pesquisa qualitativa. Nessa direção o campo da etnografia é definido por Geertz (1978, p. 4) assim:

Praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes [participantes], transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário e assim por diante. Mas não são essas coisas técnicas e o processo que determina o empreendimento. O que define e o tipo de esforço intelectual que ele representa, um risco elaborado para uma descrição dessa.

Essa pesquisa pretende realizar um trabalho que possa responder os desafios que o tema delimitado impõe. Para isso, o presente estudo utilizará o método autobiográfico que se vale de extrema importância porque explora a relação entre a experiência social e o caráter pessoal e coletiva dos seus participantes. Nessa direção Momberger (2008) afirma que:

As fontes (auto) biográficas, constituídas por histórias de vida relatos orais, fotos, diárias, autobiografias, biografias, cartas, memoriais, entrevistas, escritas escolares e videográficas, configuram-se como objeto de investigação transversal na ciência humana. Em educação, a pesquisa (auto) biográfica amplia e produz conhecimentos sobre a pessoa em formação as suas relações com territórios e tempos de aprendizagem e seus modos de ser, de fazer e de biografar resistências e pertencimentos (MOMBERGER, 2008, p. 35).

Por meio do método auto (biográfico) o indivíduo passa a ser visto como uma articulação singular e complexo da dimensão cultural, com contribuições substâncias na aproximação do pesquisador com os sujeitos pesquisados. Momberger (2008)

confirma que: a imersão do fato biográfico na linguagem da narrativa remete a historicidade das linguagens da narrativa: as histórias que contamos da nossa vida descrevem sob as condições sóciohistóricas da época e da cultura (das culturas), as quais pertencem.

Entendemos a importância de se estabelecer esse método para essa pesquisa tendo como princípio básico a abordagem complexa e multirreferencial a partir do trabalho de campo. Para a realização desse caminhar metodológico, precisamos compreender de que lugar teórico falamos e como essas ações serão desenvolvidas.

Dessa forma, a coleta de dados será feita a partir das narrativas discursivas da vida das idosas, assim como a observação participante terá valor central. Conforme YIN (2010), é uma técnica de observação que demanda do pesquisador participação e ação no objeto a ser estudado.

Nesse sentido, Gabarrónelanda (2006) a pesquisa participante é um tipo de pesquisa em que o problema tem sua origem, é analisada na e pela própria comunidade. Dessa forma os discursos efetivamente não estão prontos para serem acessados, mas são construídos nas interações entre pesquisadores e pesquisados.

Assim, definiremos o lócus, para realizar essa pesquisa de campo no espaço da UATI que está sediado no ambiente físico e acadêmico do Campus II, em Alagoinhas- Bahia, espaço da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Os sujeitos da pesquisa são as estudantes idosas, os professores da UNEB que coordenam os projetos de extensão contidos na proposta pedagógica e que também ministram as oficinas e os estudantes da graduação dos diversos cursos do Campus, que atuam como monitores de extensão na execução das oficinas realizadas nos projetos.

Enfim para a execução do trabalho de campo nesse âmbito e para desenvolver e atingir os objetivos propostos nesse trabalho, faz-se necessário propor, projetar caminhos e os passos iniciais da pesquisa: A — Realização de entrevistas narrativas; B — Observação participante; C — Organização de grupos focais para construir dossiês (auto) biográfico; D — Leituras e análise de documentos, vídeos, documentários e fotos produzidas durante eventos; E — Textualizar as entrevistas narrativas biográficas; F — Fazer leituras e análise dos documentos: cartas, certidões, registros escolares, escritos memoriais assim como, análise detalhada da proposta pedagógica do programa, projeto político pedagógico, e relatórios das oficinas. De acordo com Minayo (1992) ter instrumentos que possibilitam o registro fidedigno e se possível, literal em modalidades de coleta de dados, que utilizem a fala como matéria-prima.

Assim sendo, as informações coletadas serão priorizadas a partir de estratégias de análise. É preciso deixar claro que possuir uma estratégia é ter consciência de que os instrumentos utilizados podem ou não ser úteis. Yin (2010) discute que a estratégia de análise a construir diversas considerações analíticas, além de afastar interpretações infundadas também produz um caminho metodológico descritivo para a elaboração das proposições teóricas.

DISCUSSÕES E RESULTADOS ESPERADOS

Esse projeto estuda e aspira a melhoria e possibilidade de emancipação das estudantes da UATI no sentido de ampliar a construção e reelaborações dos saberes que devem impactar nos modos de vida, dimensões da existência, formação identitárias em interações consigo mesmo, com os pares e as instituições.

Esse trabalho pretende ocupar lugar central nas atividades sociais e na produção das subjetividades, promovendo, intensificando e fortalecendo a rede de apoio entre as mulheres idosas, para o enfrentamento das adversidades objetivas impostas e subjetivas no sentido das suas experiências, resistências e reexistências. Permitirá redimensionar suas identidades, ressignificando papéis e lugares sociais a elas atribuídos de uma sociedade marcada por desigualdades sociais.

Nesse sentido, esse estudo possibilitará o envolvimento do pesquisador com as colaboradoras da pesquisa e potencializará a interlocução com os constructos epistemológicos, ampliando a rede dos saberes, que vão se constituindo no percurso metodológico enquanto geradores de modificações de condutas coletivas e colaborativas, no sentido de promover a ruptura dos preconceitos e violações de direitos dessa população etária. Dessa forma dará visibilidade as mulheres idosas socialmente vulneráveis pela dupla condição de ser mulher e velha, objetivando que as mesmas se apresentem como sujeitos que exigem comprometer-se e participação ativa com o intuito de forjarem os domínios dos saberes construídos e reelaborados enquanto dispositivos de uma práxis individual e coletiva.

Refletir e propor políticas públicas que contemplem a garantia de prerrogativas de direitos legítimos e oficiais dessas mulheres enquanto estudantes de um programa extensionista, no contexto de uma universidade estadual e pública com os mesmos direitos dos estudantes regulares dessa instituição.

Construir momentos de reinvenção, ressignificação, visibilidade e empoderamento através das práticas discursivas frente a indiferença e anulação manifestadas no âmbito da universidade, em espaços institucionais e principalmente no contexto familiar.

Apontar caminhos alternativos que contemplem a convergência de identidades no processo de autoidentificação, auxiliadas principalmente pela experiência (auto) biográfica, compreendendo as transformações peculiares aos efeitos geracionais, etários e da saúde no que diz respeito ao corpo e a finitude humana.

Promoção dos anseios sociais das idosas pela articulação coletiva como professores e estudantes da graduação, mediante investimentos para a circulação dos saberes adquiridos, através das suas produções, organização de eventos, produções de material numa proposta integrativa entre ensino, pesquisa e extensão.

O percurso metodológico proposto neste projeto proporcione a realização insurgente tanto dos saberes, quanto das práticas de reexistência materializado sob a forma da produção bibliográfica, de vídeos, documentários, informativos, exposições, seminários e etc. Todo esse arsenal artístico-cultural deverá estar pautado nos princípios epistemológicos que ancoram esse trabalho, tendo como referência a crítica, os pressupostos humanitários, a criatividade e o protagonismo das pessoas idosas.

Essas projeções iniciais suscitam presunções possíveis de sua realização se incorporadas ao mundo acadêmico, que certamente pretendem repercutir como resultados alcançados em espaços científicos nacionais e internacionais, dadas a emergência contemporânea de levar temas sobre o envelhecimento humano para uma rede de produções científicas, artísticas e culturais. Por fim caracterizar a UATI com estância formadora de identidade, saberes e modos de vida e seus participantes como ativistas e protagonistas de transformações ao longo da vida.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Maria del Pilar Tobar. *Construções discursivas de reexistência — um estudo em Análise de Discurso Crítico sobre marchas de mulheres no Brasil* / Maria del Pilar Tobar Acosta; orientador Viviane de Melo Resende; coorientador Wanderson Flor do Nascimento. — Brasília, 2018.
- BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. Sobre o poder simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001,
- DEBERT, Guita Grin. *Gênero e envelhecimento*. Estudos Feministas, ano 2, 2º semestre 1994.
- DEBERT, Guita Grin. *Envelhecimento e Representações sobre a Velhice*. Ciência Hoje, São Paulo, v. 8, n. 44, 1988.
- Estatuto do idoso: lei federal nº 10.741*, de 01 de outubro de 2003. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e Outros Escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a História. In: *Microfísica do Poder*. Org. por Roberto Machado. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. *Michel FOUCAULT — Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- GABARRÓN, Luis Rodríguez; LANDA, Libertad Hernández (2006). O que é pesquisa participante. Tradução Telmo Adams. In: BRANDÃO, C. Rodrigues; STRECK, Danilo R. (Org.). *Pesquisa Participante: O saber da Partilha*. Aparecida, SP: Idéias & Letras.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- IBGE-INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico: resultados preliminares* -São Paulo. Rio de Janeiro 2017.
- MACEDO, Roberto Sidnei. Outras luzes: um rigor intercrítico para uma etnopesquisa política. In: MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. *Um rigor outro: sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa*. Salvador: Edufba. 2009.
- MAGALHÃES, R. Integração, exclusão e solidariedade no debate contemporâneo sobre políticas sociais. Cadernos de Saúde Pública (Rio de Janeiro), n. 17, maio/jun. 2001.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 13. ed., São Paulo: Hucitec, 1992.

MINAYO, M. C. S. A violência social sob a perspectiva da saúde pública. *Cadernos de saúde pública (FIOCRUZ)*, Rio de Janeiro, V. X, N.1, P. , 1994.

MOMBERGER, DELORY C. (2008). *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal: EDUFRN, São Paulo: PAULUS.

POCAHY, Fernando. *Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação — UFRGS, 2011.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.